

## O HISTORICISMO DE RORTY: UM PERIGO PARA A CIVILIZAÇÃO ORIENTAL?

JÉZIO HERNANI BOMFIM GUTIERRE

**Resumo:** Rorty tem sido por vezes caracterizado como o mais carbonário e destrutivo dos pensadores americanos. Este retrato parece ser confirmado por sua adoção de um historicismo radical que poderia ser entendido como equivalente ao abandono de toda forma de racionalismo. Nestes termos, não surpreendentemente, passa a ser um perfeito exemplar daquilo que expoentes da velha guarda epistemológica (de Popper a Devitt) qualificam escandalizadamente como “perigos para a Civilização Ocidental”.

Neste contexto, a tarefa premente que se coloca é a de se aquilatar a verdadeira dimensão do repto rortyano à filosofia contemporânea: seria seu ataque à ortodoxia (contra Kant, em particular) realmente apropriado? Ou seria ele mais consistente do que se afirma com variantes racionalistas? Minha intenção é a de enfrentar estas questões e apontar o que me parece ser uma falha de Rorty na interpretação do projeto racionalista.

**Abstract:** Rorty has been for several times characterized as the most revolutionary and destructive among the American philosophers. This portrait seems to be confirmed by its adoption of a radical historicism which might have been understood as equivalent to the abandon of all form of rationalism. In these terms, not surprisingly, it becomes a perfect example of what exponents of the old epistemological group (from Popper to Devitt) scandalizedly qualify as “threats to the western civilization”. In this context, the proposed urgent task is to evaluate the real dimension of Rortyan challenge to contemporary philosophy: would his assault on orthodoxy (against Kant, particularly) be really appropriate? Would it be more consistent than what is affirmed through rationalist alternatives? My intention is to face these questions and point what is for me a Rorty's failure concerning the comprehension of rationalist project.

Ao longo dos últimos vinte anos, o nome de Rorty passou a ser uma referência obrigatória para todos aqueles interessados na filosofia americana e, de modo geral, no próprio futuro do pensamento filosófico. Como talvez seja de se esperar nessas circunstâncias, começam a surgir debates envolvendo um Rorty muito freqüentemente fictício, transformado em autor que deixou de ser um provedor de idéias para se transformar num ícone de posturas filosóficas específicas (não necessariamente suas) ou de oposição a posturas filosóficas específicas.

Levando em conta este quadro, a bem da precisão e saudável conceituação de esforços analíticos, procurei na seqüência fornecer um rápido levantamento, digamos, 'cartográfico' da situação-problema, uma breve anamnese daquilo que originalmente eram e, a meu ver, ainda são, os principais pontos enfocados por Rorty. Além disso, talvez de forma mais instigante mas ainda no intuito de delimitar a 'Questão-Rorty' na epistemologia contemporânea, mencionarei algumas das críticas pendentes que considero as mais cruciais dentre as que lhe foram endereçadas. Em particular, o escândalo que o pragmatismo rortyiano ainda evoca em alguns torna premente a tarefa de identificar se há realmente um comportamento filosófico ou socialmente perigoso nessa doutrina, mesmo que não saibamos claramente como desativá-lo quando localizado. De fato, não nos esqueçamos que H. Putnam, por exemplo, ecoando as injúrias de Popper e tantos outros racionalistas tradicionais contra as epistemologias historicistas, afirma que o relativismo de Rorty (ou Derrida, ou Goodman) flerta com um veio teórico consistente com o fascismo, abrindo a guarda da filosofia a todas as mazelas usualmente associadas ao irracionalismo e colocando em risco o acervo de conquistas da civilização ocidental.

Estabelecido nosso objetivo, iniciemos este comentário lembrando o que Rorty critica e o que pretende demolir.

Ao longo de sua obra índice, *Philosophy and the Mirror of Nature*, Rorty procura explicar os principais elementos do empreendimento epistemológico tradicional. Combinando o conceito cartesiano de mente, o modelo representacional/perceptual de conhecimento e o transcendentalismo kantiano, ele pretende ter desvendado os compromissos básicos do que entende por "teoria do conhecimento", compromissos que, acredito, podem ser resumidos em três blocos interagentes: 1) a epistemologia assume que o conhecimento precisa ser fundamentado. Coerentemente, um dos objetivos essenciais de uma teoria do conhecimento é o de providenciar esta base e, assim, preservar a 'respeitabilidade' do conhecimento enquanto *epistémé*. 2) Os fundamentos do conhecimento serão substanciados por um conjunto de representações (e.g., enunciados, crenças, conceitos) que

presumivelmente poderiam capturar o conteúdo do mundo empírico. Na verdade, a admissão desse ponto é esperável numa disciplina que equi-para a 'mente' a um "Espelho da Natureza" e que encara a justificação epistemológica como o resultado de uma "transação entre 'o sujeito conhecedor' e a 'realidade'".<sup>1</sup> 3) A epistemologia adota parâmetros kantianos e admite genericamente que os componentes básicos do conhecimento são intuições e conceitos. Finalmente, (4) quando a epistemologia subscreve os itens anteriores, de (1) a (3), e, como observado acima, substitui 'conversação' por 'confrontação', ela se impõe um perfil a-histórico. Com efeito, Rorty sustenta que a perspectiva inaugurada por Descartes e Kant faz da filosofia tradicional uma "atividade que procura escapar à história: uma tentativa de se identificar as condições não-históricas de qualquer possível evento histórico"<sup>2</sup>.

Definida desta maneira, a epistemologia é vista por Rorty como seu antípoda teórico. Seu ataque a esses parâmetros epistemológicos é desenvolvido principalmente tendo como pano de fundo a filosofia analítica que, a seu ver, repousa sobre os mesmos pressupostos encampados pelo empreendimento filosófico clássico.

Porém, se os postulados clássicos estão presentes na e são essenciais à filosofia analítica, não deixaram de ser desafiados até mesmo no interior deste movimento. Rorty detecta duas fontes de ataques distintos, mas correlacionados, cada um dos quais visando a desestabilização de ambos ou de um dos "componentes básicos" do conhecimento: uma delas foi a discussão de Quine da distinção entre o necessário (analítico) e o contingente (sintético); a outra, foi a crítica de Sellars à "estrutura do dado".

Conforme Rorty, as contribuições de Quine e Sellars trazem consigo a recusa do conhecimento enquanto representações adequadas: nem a análise do significado, nem a atenção a 'fatos' (ou sentenças observacionais) provê a desejada percepção do 'mundo real' e, portanto, também não fornece a procurada base para o conhecimento. Esta recusa seria a tese central do que Rorty chama de 'behaviourismo epistemológico' e que caracteriza por meio do contraste com os objetivos tradicionais da filosofia analítica:

---

1. Rorty, R. – *Philosophy and the Mirror of Nature* [doravante citado como *PMN*], pág. 9.

2. *PMN*, *ib.*

ser behaviourista é [...] recusar-se a empreender um certo tipo de explicação: o tipo de explicação que não apenas insere noções como a de 'apreensão dos significados' ou 'afecção por experiências sensoriais' entre o impacto do meio ambiente sobre seres humanos e seus relatos sobre ele, mas usa tais noções para explicar a confiabilidade desses relatos.<sup>3</sup>

Assim, observa Rorty, de acordo com essa linha behaviourista, a linguagem não pode desempenhar a função que lhe tem sido atribuída pela filosofia analítica. Segundo ele, os trabalhos de Quine e Sellars não apenas negam o programa analítico como subvertem o esquema intuição/conceito. Conseqüentemente, esses autores parecem rejeitar o que há de mais central à epistemologia e à filosofia (em seu formato tradicional), pondo em xeque sua própria existência enquanto disciplinas. A corrente analítica é, assim, curiosamente, vítima de uma implosão, promovida por seus próprios membros.

Mas, dada a rejeição do projeto tradicional, o que toma o seu lugar? Em relação a este tópico, podem-se distinguir duas propostas positivas básicas em Rorty – o edifício que pretende construir sobre os escombros daquele que destruiu. A primeira se refere ao estabelecimento de um modelo específico de decidibilidade; a segunda sugere mudança radical na imagem de filosofia.

Como vimos, pela forma como Rorty abraça as conclusões de Quine e Sellars, o behaviourismo epistemológico nega autoridade a uma teoria representacional do conhecimento. No entanto, concomitantemente, assume tese afirmativa subjacente à sua reação à epistemologia tradicional: as doutrinas holistas de Quine e Sellars seriam fruto “da tese de que a justificação não é matéria que envolve relação especial entre idéias (palavras) e objetos, mas, sim, conversação, prática social. A justificação enraizada na tradição epistemológica é redutiva e atomística”<sup>4</sup>. Assim, o behaviourismo epistemológico não apenas repudia a epistemologia tradicional, mas entroniza a comunidade, ou, mais precisamente, o debate comunitário, como a única fonte de autoridade epistêmica.

A atenção à comunidade, sua práxis interna e história, constitui o coração do sistema rortyiano e seu impacto não se limita à estipulação de uma moldura conversacional para a decidibilidade empírica: esta postura

---

3. *PMN*, pág. 176.

4. *PMN*, pág. 170.

não afeta apenas um aspecto particular da investigação gnosiológica, mas é sentida no abandono do projeto epistemológico como um todo. Substituindo-se a 'confrontação representacional' pela 'conversação', o conceito de mente enquanto 'Espelho da Natureza' – conceito, como já observado, básico para a imagem ortodoxa de epistemologia – pode ser descartado e, com ele, a idéia de uma teoria presa ao estudo do conhecimento na forma preconizada por Kant. [Para Rorty, se]

encarmos o conhecimento enquanto objeto da conversação e prática social ao invés de como uma tentativa de espelhar a natureza, será implausível visualizar uma meta-prática que funcione como crítica de todas as formas possíveis de prática social. Assim, o holismo produz [...] uma concepção de filosofia que não tem qualquer relação com a busca da certeza."<sup>5</sup>

Mas se é realmente assim, ou seja, se não há um lugar para o modelo canônico de epistemologia, o que resta do empreendimento filosófico? A resposta de Rorty está mais uma vez associada ao papel da conversação em meio à nossa cultura. Sob as novas restrições estabelecidas pela destruição da tradicional teoria do conhecimento, propõe uma guinada da epistemologia para a hermenêutica.

Entretanto, para que se entenda o que está contido nesta revolução, é necessário que se indique como o conceito de hermenêutica está sendo aqui definido. Rorty esclarece este ponto pela comparação de dois diferentes estilos de filosofar, respectivamente personificados por Sócrates e Platão. No primeiro caso, tem-se o filósofo como o diletante informado, o pragmático que promove e toma parte na conversação realizada em seu *salon*, conversação que propicia a oportunidade para soluções de compromisso entre contendores. O segundo padrão seria o do filósofo-rei platônico "que sabe o que os demais estão realmente fazendo, estejam eles mesmos cientes disto ou não, isto porque tem o conhecimento do contexto último (as Formas, a Mente, a Linguagem) em meio ao qual estão agindo."<sup>6</sup> O primeiro perfil está intrinsecamente ligado ao que Rorty toma por hermenêutica, o segundo, à epistemologia.

Pelas razões já apontadas, o modelo platônico seria insustentável: a filosofia não teria acesso a 'contextos últimos' ou a fundamentos do

5. *PMN*, ib.

6. *PMN*, págs. 317-8.

conhecimento. Conforme a alternativa restante, 'hermenêutica', é impossível para a filosofia ditar parâmetros que fundamentem a prática; ao contrário, a seleção dos elementos particulares envolvidos será determinada pelo "nosso entendimento da prática ao invés de ser a prática 'legitimada' por uma 'reconstrução racional' exterior a seus elementos."<sup>7</sup> Nesse sentido, a hermenêutica está intimamente relacionada à idéia de cultura enquanto conversação e não como estrutura erigida sobre fundações. O historicismo rortyiano aparece, desse modo, em toda sua pujante agressividade.

Contudo, este historicismo radical é ameaçado por questões prementes relacionadas ao perfil do programa filosófico a que se associa e, em particular, à rejeição da epistemologia. No que se segue, de forma inevitavelmente resumida, menciono algumas dessas dificuldades que, como disse no início, precisam ser superadas por Rorty e seus seguidores.

A primeira dentre essas questões envolve a radicalidade de sua rejeição de uma teoria do conhecimento. Rorty está certamente em consonância com a maioria dos autores contemporâneos quando ataca um modelo de investigação epistemológica comprometido com o estabelecimento de fundamentos inequívocos para o conhecimento. Contudo, como nota I. Hacking,<sup>8</sup> pode-se atribuir outros papéis à epistemologia, papéis sem vínculo necessário com a procura de fundamentos. Parece razoável dizer, por exemplo, que, se tomarmos a empresa epistemológica como uma "reflexão sobre a possibilidade, natureza e conteúdo de numerosas formas de conhecimento" – o que Hacking cita (e Rorty aceita) como definição corriqueira de epistemologia –, não há porque não reservar-lhe um lugar central na filosofia.

Ainda outra fonte de interrogações é encontrada quando se procura estabelecer o exato estatuto do sistema rortyiano: seria ele uma teoria 'sistemática' ou 'edificadora'? A resposta imediata e lógica é a de que Rorty tenciona alicerçar uma conversação filosófica presa aos padrões 'edificadores' desenvolvidos em PMN e, especialmente, em *Contingency, Irony, and Solidarity*. Porém, se isto é verdadeiro, não é menos claro que o argumento rortyiano é desenvolvido de forma, por assim dizer, classicamente 'sistemática'. Afinal, tanto PMN quanto *Contingency...* seguem um muito ortodoxo padrão de argumentação filosófica. Assim, não estaria Rorty, ao menos no nível meta-filosófico substanciando um contra-exemplo de sua própria

---

7. PMN, pág. 319.

8. Cf. Hacking, I. – *Is the End in Sight for Philosophy?*

análise? A impressão resultante é a de que o enfoque 'hermenêutico' não escapa ao apelo de uma posição aparentemente neutra que, na prática, permitir-lhe-ia ditar normas (de modo tipicamente 'transcendental', *na acepção que Rorty dá ao termo*) ao profissional engajado na análise filosófica.

Esta tensão implícita na auto-imagem da teoria rortyiana dá fôlego à avaliação igualmente discutível que faz dos sistemas epistemológicos tradicionais e, em particular, da proposta kantiana. De fato, a exegese corrente da obra de Kant salienta aspectos radicalmente incongruentes com a análise feita por Rorty. Henry Allison e Gerd Buchdahl, por exemplo, dois dos mais influentes comentadores contemporâneos do kantismo estão entre aqueles que vêem no sistema crítico um empreendimento mais preocupado com o problema da inteligibilidade das representações do que com a provisão de representações precisas.<sup>9</sup> A abordagem kantiana estaria, assim, mais interessada na inspeção do 'fato', conforme modelo posteriormente herdado pela fenomenologia husserliana: seu objetivo seria o de analisar a constituição e elementos do 'dado' e não o de instaurá-lo como fundamento do conhecimento. Acrescente-se a isso que Rorty também vai contra a mais recente leitura do kantismo ao classificá-lo como uma doutrina alheia à história e prática da ciência. Hoje em dia, é cada vez mais freqüente a identificação de Kant como um filósofo sensível à prática científica concreta tanto em suas considerações metodológicas quanto nas ontológicas.<sup>10</sup> O caráter a-temporal que Rorty sugere ser inerente a sistemas representacionais à procura de bases estáveis não pode ser encontrado aqui. Parece-me que o último dos problemas que mencionarei tem muito a ver com esta leitura viesada e, parece-me, equivocada do sistema kantiano. Tanto quanto em sua interpretação de Kant, Rorty é, digamos, 'absolutista' na distinção que preconiza entre uma epistemologia com objetivos representacionais e um modelo de práxis científica regida por critérios comunitários. Nesse contexto, o aspecto relevante é o de não ser intuitivamente obrigatório que se aceite uma divisão rígida entre estes dois campos: tudo indica que o que temos é um panorama nuançado que combina estes elementos de uma forma não considerada por Rorty. Sobre este ponto, à guisa de ilustração, lembremos de passagem o caso de

---

9. Essa posição é defendida em detalhe por H.E. Allison em *Kant's Transcendental Idealism*, e por G. Buchdahl em *Kant and the Dynamics of Reason*.

10. Consulte-se a respeito, por exemplo, Brittan Jr., G.G. – *Kant's Theory of Science*, págs. 118 e ss.

Thomas Kuhn, saudado pelo próprio Rorty como “o mais influente filósofo de língua inglesa desde a Segunda Guerra Mundial”<sup>11</sup> e justamente como um autor que caracteristicamente abandona a falida vertente epistemológica representacional.

Kuhn sem dúvida entende o exercício do livre debate dentro da comunidade científica, aquilo que Rorty se refere comumente como ‘retórica’, como o melhor veículo para assegurar a consecução do progresso científico. Para ele, a inquirição lógica, em si, não pode nos fornecer um algoritmo de decisão que guie a escolha interteórica. Sua imagem do processo de decidibilidade científica é muito mais, por assim dizer, fluida e reflete o ambiente multifacetado no qual a comunidade de cientistas desenvolve suas investigações, um ambiente que não exclui sequer os elementos ‘subjetivos’ e as paixões que permeiam qualquer asceta da história humana. Nestes termos, Kuhn patrocina o seguinte processo de decisão:

tome-se um *grupo* das mais capazes pessoas disponíveis imbuídas da mais apropriada motivação; que elas sejam treinadas em alguma ciência e nas especialidades relevantes para a escolha em pauta; incuta-se-lhes o sistema de valores, a ideologia, presentes em sua disciplina [...]; e, finalmente, *permita-se-lhes fazerem a escolha*. Se esta técnica não explicar o desenvolvimento científico, nenhuma o fará. Não pode haver um conjunto de regras de escolha adequadas par estabelecer comportamentos individuais *desejáveis* nos casos concretos que cientistas encontrarão nos cursos de suas carreiras. O que quer que possa ser o progresso científico, podere-mos abordá-lo pelo exame da natureza do grupo científico, descobrindo o que ele valoriza, o que tolera e o que despreza.<sup>12</sup>

Em outras palavras, o tribunal de última instância, onde o destino das teorias e da escolha científica em geral é decidido, será encontrado nos procedimentos e estrutura de decisão da comunidade científica, uma entidade histórica e sociologicamente definida. Como Kuhn resume a situação – de uma forma que, a meu ver, consubstancia seu principal repto à epistemologia tradicional –, “que melhor critério do que a decisão de um grupo científico?”<sup>13</sup>

---

11. Rorty, R. – *Thomas Kuhn, As Pedras e as Leis da Física*, pág. 21.

12. Kuhn, T.S. – *Reflections on my Critics*, págs. 237-8.

13. Kuhn, T.S. – *The Structure of Scientific Revolutions*, pág. 170.



Até este ponto, tudo indica que Kuhn está efetivamente chancelando a leitura de Rorty. E essa impressão fica ainda mais sedimentada quando Rorty lembra<sup>14</sup> passagem onde Kuhn nega

todo significado a afirmações de que sucessivas crenças científicas tornam-se cada vez mais prováveis ou cada vez melhores aproximações da verdade”, e sustenta que o “objeto da verdade não pode ser uma relação entre crenças e um presumido mundo independente da mente ou ‘externo’.”<sup>15</sup>

A conclusão de Rorty é a de que Kuhn é seu legítimo predecessor e mentor na tese de que a idéia de uma ‘representação acurada da realidade’ deve ser completamente banida da filosofia.<sup>16</sup> Mas seria realmente justificado atribuir-se ao naturalismo kuhniano o perfil estritamente hermenêutico (*no sentido rortyiano* do termo) que Rorty acredita lá encontrar? Voltemos à passagem citada e explicitemos o texto integral. Kuhn realmente afirma que não pode sustentar que as crenças científicas se aproximam cada vez mais da verdade, caso se entenda que a verdade depende da relação entre crenças e um mundo externo independente. Mas, logo antes disso, salienta: “pretendo sustentar que a ciência é cognitiva, que seu produto é conhecimento da natureza e de que os critérios que usa para a avaliação de crenças são, nesse sentido, epistêmicos”. Sua metodologia procura justamente preservar e melhorar nosso conhecimento da natureza.

Kuhn, sem dúvida, acredita que o progresso científico é um fato inquestionável e que o método efetivamente seguido pela prática científica – o citado debate intra-comunitário, não cerceado por regras ideais – tem levado ao progresso de uma forma constante e segura. Se outras metodologias são criticadas por ele é exatamente por não serem capazes de atingir os mesmos resultados. Um falsificacionismo purista e ingênuo, por exemplo, é desqualificado por Kuhn principalmente porque o avanço científico não poderia ser preservado sob a égide de rigorosos testes cruciais.<sup>17</sup> E se um método fundamentado sobre a prática real da ciência é exaltado e valorizado é por ser tacitamente assumido como a via mais consistente e eficiente para o progresso: “os cientistas se comportam de

14. Rorty, R. – *Thomas Kuhn, As Pedras e as Leis da Física*, págs. 39-40.

15. Kuhn, T.S. – *Afterwords*, pág. 330.

16. Rorty, R. – *Thomas Kuhn, As Pedras e as Leis da Física*, pág. 37.

17. Cf. Kuhn, T.S. – *The Essential Tension*, págs. 284 e ss.

maneira determinada; estas formas de comportamento têm (aqui entra a teoria) um certo número de funções essenciais; na ausência de um procedimento alternativo *que preencha as mesmas funções*, os cientistas deveriam se comportar essencialmente como o fazem, caso seu objetivo seja o de aperfeiçoar o conhecimento científico.”<sup>18</sup>

A questão enfrentada, portanto, não é o abandono de ‘representações’, ou de uma epistemologia com veleidades representacionais; ao contrário, creio que, nesse contexto, a verdadeira dificuldade reside em se definir apropriadamente o que está sendo representado. Esta é a situação claramente enfrentada por Kuhn e, diga-se de passagem, por boa parte – diria, a mais relevante parcela – da filosofia contemporânea e toda epistemologia de alguma forma associada ao kantismo.

Rorty se queixa, dizendo que nunca entendeu as críticas de Kuhn ao que este via como o ‘relativismo rortyiano’ e complementa:

nunca obtive uma resposta do porquê Kuhn pensava que eu era mais ‘relativista’ do que ele, ou sobre o ponto em que ele achava que eu havia descarrilado. Sempre esperei que quando publicasse o livro no qual vinha trabalhando nas últimas décadas de sua vida [...] eu seria capaz de citar capítulo e ver-sículo para mostrar a ele que havíamos pregado quase a mesma doutrina.<sup>19</sup>

A partir da argumentação precedente, podemos supor que os reparos de Kuhn à perspectiva relativista de Rorty são decorrência esperada da aparente hipertrofia da importância do debate para a definição do conhecimento científico; porque se Kuhn, sabidamente, é dos primeiros a proclamar o relevo do debate para a obtenção do conhecimento científico, não pode, nem quer abandonar uma idéia de ciência que Rorty possivelmente veria, assim acreditava Kuhn, como ‘representacional’.

É certo que Rorty pode ainda afirmar que jamais pensou em reduzir o conhecimento científico a mero discurso – nos moldes aparentemente obedecidos por Derrida, um de seus mais constantes objetos de louvor. Mas, se é assim, o que efetivamente distingue Rorty no contexto atual da filosofia? O que preservaria o caráter carbonário de sua imagem e de sua auto-imagem?

---

18. Kuhn, T.S. – *Reflections on my Critics*, pág. 237.

19. Rorty, R. – *Thomas Kuhn, As Pedras e as Leis da Física*, pág. 41.

Estas perguntas nos remetem ao que considero o oceano de radicalidades que normalmente circunda Rorty, um oceano formado pelo radicalismo de como vê os outros, o radicalismo de como se vê e o radicalismo de como é visto. Não existe meio termo no universo rortyiano: em sua interpretação, só existem os bons e os maus, historicistas ou transcendentalistas puros; e isto tem sua contrapartida quando é visto por tantos como o historicista extremo que ele mesmo diz não ser, embora explicitamente elogie historicistas e relativistas extremados.

Mas seria o radicalismo marca rortyiana obrigatória? É possível que o radicalismo apontado – seja no que se refere à avaliação e auto-avaliação do naturalismo de Rorty, seja quanto à sua interpretação de outros sistemas – não seja tão impressionante quanto parece e se propala. Entretanto, talvez não reste outra opção que preserve a nomeada que Rorty tem tido a não ser a de se reafirmar a sua radicalidade: parece-me, de fato, que é isso que impede Rorty de cair na cada vez mais ampla e indistinta vala comum do historicismo e naturalismo atuais. Num paralelo gótico, pode-se dizer que este filósofo dinâmico, como tantos monstros escatológicos, precisa de sangue, o sangue vermelho do extremismo, para permanecer vivo. Notoriedade criticável ou benigna indistinção: este é o dilema de Rorty e que a ele cabe responder.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLISON, H.E. *Kant's Transcendental Idealism*. New Haven/Londres: Yale University Press, 1983.
- BRITTAN JR., G.G. *Kant's Theory of Science*. Princeton: Princeton University Press, 1978.
- BUCHDAHL, G. *Kant and the Dynamics of Reason*. Oxford/Cambridge, Mass.: Blackwell, 1992.
- HACKING, I. "Is the End in Sight for Philosophy?". In *The Journal of Philosophy* (1980).
- KUHN, T.S. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press, 1970.
- \_\_\_\_\_. "Reflections on my Critics". In I. Lakatos e A. Musgrave (eds.) – *Criticism and the Growth of Knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press, 1970.
- \_\_\_\_\_. *The Essential Tension*. Chicago: Chicago University Press, 1977.
- \_\_\_\_\_. "Afterwords". In P. Horwich (ed.) – *World Changes*. Cambridge, Mass./Londres: M.I.T. Press, 1993.
- RORTY, R. *Philosophy and the Mirror of Nature*. Oxford: Blackwell, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Contingency, Irony, and Solidarity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.